



## **“Diálogos Possíveis com Clarice Lispector”: Um estudo do gênero entrevista na Revista Manchete<sup>1</sup>**

Michelle Moreira Braz dos SANTOS<sup>2</sup>

Dr. Marcelo Magalhães BULHÕES<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP, Bauru, SP

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP

### **Resumo**

O presente artigo tece considerações sobre uma das facetas da produção jornalística de Clarice Lispector – a entrevistadora. Trata-se de produções jornalísticas da Revista *Manchete* durante o período de maio de 1968 a outubro de 1969. A faceta entrevistadora de Clarice Lispector nos instiga a questionar: a entrevista pode ir além do pragmatismo jornalístico? O gênero pode assumir afinidades com a expressão literária? Para o estudo da produção de entrevistas de Clarice Lispector recorreremos, fundamentalmente, a teoria do jornalismo, focada em torno dos seus gêneros, e em alguns trabalhos de crítica literária e dados biográficos da escritora.

### **Palavras-chave**

Entrevista; Clarice Lispector; Gêneros jornalísticos; Literatura.

### **Corpo do trabalho**

### **Introdução**

A entrevista é um instrumento que permeia distintas áreas do conhecimento, cada qual com suas intenções e objetivos. Em *Diálogos* de Platão, sabemos que Sócrates entrevistava cidadãos de Atenas a fim de questionar temas como o Amor, a Justiça, a Beleza e a Verdade. Séculos mais tarde, na obra *Tristes trópicos*, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss entrevistou tribos indígenas do Brasil em busca de um levantamento etnográfico. Atualmente, muitas empresas utilizam a entrevista como ferramenta de seleção de candidatos ao emprego.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º termo do Curso de Jornalismo da UNESP-Bauru. Desde agosto de 2008, desenvolve a pesquisa “A entrevista em Clarice Lispector: um estudo do gênero na Revista Manchete” pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. E-mail: mi.mbsantos@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor titular do Curso de Comunicação Social da UNESP (desde 1994), onde ministra disciplinas de literatura e língua portuguesa. Compõe o programa de Pós-graduação em Comunicação da mesma instituição desde 2001. É autor dos livros “Jornalismo e Literatura em Convergência” (Ática), “Leituras do Desejo: o Erotismo no Romance Naturalista Brasileiro” (Edusp), “Literatura em Campo Minado: a Metalinguagem em Graciliano Ramos e a Tradição Literária Brasileira” (Annablume), além de diversos artigos na área da Comunicação.



No âmbito jornalístico, a entrevista é uma praxe que atinge uma vasta gama de assuntos e circunstâncias. Por exemplo, o testemunho alheio como dispositivo de apuração das informações, uma vez que nenhum repórter consegue, evidentemente, estar em todos os locais das ocorrências. Dessa maneira, a entrevista é uma das principais fontes de informação e está presente, direta ou veladamente, na maioria das notícias de jornais, revistas e agências.

De modo geral, os manuais de redação apresentam uma série de princípios e preceitos a fim de que se tenha “sucesso” em uma entrevista: informar-se sobre o entrevistado, saber qual o tempo disponível, fazer perguntas curtas e incisivas, persistir nas respostas evasivas etc. Embora tais sugestões de procedimentos pareçam relevantes, observamos no jornalismo das últimas décadas uma padronização estagnadora e reducionista do gênero entrevista. O resultado disso é um empobrecimento de conteúdo embutido em parâmetros preconcebidos, as chamadas “perguntas clássicas”. Além disso, parte do material coletado por meio deste gênero constantemente se perde ou se deturpa ao longo do processo editorial, o que estimula a desconfiança e até mesmo a aversão das pessoas ao serem entrevistadas.

A padronização textual e a superficialidade no conteúdo não são exclusividade do gênero entrevista. O repórter enfrenta um caminho árduo de limitações no processo de construção da notícia, a começar pela contenção textual. Com o mecanismo da pirâmide invertida<sup>4</sup>, as principais informações são apresentadas de maneira sucinta e direta já no primeiro parágrafo do texto noticioso. As seis perguntas básicas para qualquer fato – o que ocorreu, quem está envolvido, quando, como aconteceu, onde e por quê – são abordadas no início do texto, denominado *lead*.

Além das restrições do espaço textual, a notícia perpassa inúmeros filtros antes de ser publicada, ou seja, o acontecimento sofre lapidações até chegar ao leitor como produto jornalístico. Ao passo que as informações são capturadas e encaminhadas para a redação, os dados obtidos por diferentes fontes são emparelhados para serem selecionados e utilizados na formatação dos textos dos repórteres. Adjunto a isso, trabalham na construção da comunicação visual os fotógrafos, que fornecem a ilustração para a matéria em questão, e os *designers*, que organizam graficamente a página. Por

---

<sup>4</sup> Pirâmide invertida é um jargão jornalístico para identificar um formato de texto em que a parte mais importante da notícia é colocada logo no primeiro parágrafo. Segundo Mário Erbolato, “a seqüência da pirâmide invertida é esta: a) entrada ou fatos culminantes; b) fatos importantes ligados à entrada; c) pormenores interessantes; d) detalhes dispensáveis” (ERBOLATO, 2002, p.66). O formato tornou-se quase uma unanimidade na imprensa porque poupa tempo do leitor e permite que o texto seja cortado para adequar-se ao espaço editorial disponível.



fim, com as matérias redigidas, o produto é revisado pelo editor e cabe a este decidir o que irá ou não ser publicado no jornal.

Os anos de 1960 marcam uma nova consciência da prática jornalística no Brasil. Com o advento do regime militar, a revolução nos valores e na cultura, a exacerbação da dicotomia entre capitalismo e socialismo e o crescimento das massas urbanas deram aos órgãos de comunicação impressa um papel relevante. Nesse contexto, a simples “objetividade” da informação se revelou carente de recursos para que a imprensa pudesse acompanhar o ritmo dos acontecimentos. Essa conjuntura explica, pelo menos em parte, o surgimento da revista *Realidade* em 1966, uma publicação que cruzou o fazer jornalístico com elementos literários, abolindo a padronização textual.

Outro exemplo destoante de jornalismo padronizado pode também ser identificado na produção de Clarice Lispector. A escritora assumiu intenso trabalho jornalístico no fim dos anos 60 como cronista do *Jornal do Brasil* e entrevistadora na revista *Manchete*; na qual, em sua coluna “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”, entrevista importantes figuras do cenário brasileiro, mesclando perguntas de caráter intimista a questões culturais, sociais e políticas.

Embora a faceta jornalística de Clarice Lispector não seja conhecida do grande público, sua produção nesse ramo é extensa. Em 1940, enquanto cursava a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, Clarice ingressou no Departamento de Imprensa e Propaganda para exercer, em princípio, a função de tradutora, mas por falta de vagas foi direcionada a redatora e repórter da Agência Nacional. No mesmo ano, Clarice Lispector teve sua primeira entrevista com o escritor Tasso da Silveira publicada na revista *Vamos ler!*. Já a sua primeira reportagem (“Onde se ensinará a ser feliz”) foi publicada em 19 de janeiro de 1941, no *Diário do Povo*, de Campinas (SP), relatando a visita da primeira-dama da República, Darcy Vargas, a um orfanato feminino. No ano seguinte, ela começou a trabalhar como redatora do jornal *A Noite* e obteve seu registro profissional como jornalista.

Após essa fase inicial, a escritora elaborou colunas femininas com o pseudônimo de Tereza Quadros para o jornal *Comício* em 1952 e, mais tarde, como Helen Palmer no *Correio da Manhã*, em 1958 e 1959. Além disso, foi *ghost writer* da atriz manequim Ilka Soares em uma coluna feminina do *Diário da Noite* em 1960 e 1961. No *Jornal do Brasil*, Clarice Lispector teve longa trajetória como cronista, assinando aos sábados, entre agosto de 1967 a dezembro de 1973. Paralelamente, a partir de 1968, trabalhou como entrevistadora na revista *Manchete* e, posteriormente, na revista *Fatos & Fotos*,



ambas pertencentes à Editora Bloch, na qual sua contribuição encerrou-se em outubro de 1977, menos de três meses antes de sua morte, ocorrida em dezembro.

### **A questão do gênero segundo Bakhtin**

O termo *gênero* é plausível a muitos significados, uma vez que é utilizado em vários setores das ciências sociais e linguísticas (antropologia, etnografia da comunicação) e da cultura (teatro, música, folclore, literatura, cinema). No que se mencionam às manifestações linguísticas, as preocupações mais conhecidas sobre os gêneros se relacionam aos estudos retóricos e literários. E, até mesmo na teoria literária, os estudos sobre gêneros sempre foram amplos e controversos. Assim, a questão do gênero é instigante e está longe de ser considerada esgotada.

Nosso artigo utiliza contribuições do teórico Mikhail Bakhtin para avaliarmos a influência dos “gêneros” na comunicação. A idéia de gênero como entidade do discurso já aparece em uma importante obra de Bakhtin, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Certamente, tal obra representa um marco inicial para a revitalização dos gêneros. Nas passagens onde a noção de gênero discursivo já se pronuncia, encontra-se o seguinte trecho:

Toda situação inscrita duravelmente nos costumes possui um auditório organizado de uma certa maneira e conseqüentemente um certo repertório de pequenas fórmulas correntes. (...) As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social, são elementos de festa, dos lazares, das relações que se travam no hotel, nas fábricas, etc. (...) Assim, encontram-se diferentes formas de construção de enunciações nos lugares de produção de trabalho e nos meios de comércio.<sup>5</sup>

Bakhtin afirma, no livro *Estética da Criação verbal*, que a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, ressaltando a sua heterogeneidade. Os gêneros se diversificam, vão se ampliando e se tornando cada vez mais complexos à medida que a sociedade vai se tornando mais complexa e as próprias atividades humanas vão se ampliando, se diversificando e se tornando mais sofisticadas.

Ficariamos tentados a pensar que a diversidade dos gêneros é tamanha que não há e não poderia haver um terreno comum para seu estudo: com efeito, como colocar no mesmo terreno de estudo fenômenos tão

---

<sup>5</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992. p.126



díspares como a réplica cotidiana (que pode reduzir-se à uma palavra) e o romance ( em vários tomos), a ordem padronizada que é imperativa já por sua entonação e a obra lírica profundamente individual, etc?<sup>6</sup>

O autor defende que o enunciado, seja oral ou escrito, veicula um estilo individual, sendo mais comum e mais possível nos gêneros literários. Como ele afirma: “o estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo que ele presume uma compreensão responsiva ativa”<sup>7</sup>.

Os gêneros do discurso são instâncias em que se verifica certa tensão entre essas forças, resultando daí um “equilíbrio instável” ou uma “instabilidade relativa”, fazendo com que os gêneros não só permaneçam, mas também se revigorem, de acordo com os contextos enunciativos e as variações sócio-culturais e político-ideológicas que ocorrem nas comunidades em que circulam.

Embora não preconize um modelo de análise de gênero na perspectiva empírica, a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin se configura como um trabalho seminal. Suas contribuições têm servido de alicerce para os estudos mais recentes sobre os gêneros como, por exemplo, na vertente do interacionismo sócio-discursivo e também se aplica como apoio teórico para a tendência sócio-teórica dos estudos do gênero.

### **A entrevista como gênero jornalístico**

Segundo a sistematização das modalidades textuais jornalísticas, a entrevista é um dos gêneros jornalísticos. De modo geral, é por meio desse “instrumento” que o repórter desenvolve seu contato com as fontes e obtém informações para a feitura da reportagem. No livro *Entrevista – o diálogo possível*, Cremilda Medina afirma a instantânea identificação do gênero pelos receptores:

A Entrevista (com *E* maiúsculo) como finalidade em si atinge a perfeita caracterização de um gênero jornalístico. Assim a conceitua José Marques de Melo em seu livro *Opinião no jornalismo brasileiro*. Assim também a distingue o leitor, o ouvinte de rádio, o telespectador. Ele sabe perfeitamente quando está diante de uma Entrevista. Talvez não chegue ao conceito intrínseco, às subdivisões quanto ao tratamento, mas identifica o traçado geral – ocupa mais espaço impresso ou tempo no ar, estende a conversação entre jornalista e entrevistado, realiza ou não uma aproximação do diálogo, flui ou não sem quebras,

---

<sup>6</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 280

<sup>7</sup> BAKHTIN, Mikhail. op. cit. p. 320.



interferências ideológicas, encaminhamentos forçados por parte do entrevistador. Um adolescente reconhece virtudes e defeitos na entrevista a que está assistindo na televisão e tece comentários instantaneamente.<sup>8</sup>

De acordo com Medina, em primeira instância, a entrevista corresponde a “uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas”<sup>9</sup>. Dessa maneira,

Por uma distorção do poder nas sociedades, muitas vezes se atribui esse crédito apenas a fontes oficiais, vale dizer, fontes do Poder, seja ele político, econômico, científico ou cultural. Enfatiza-se, com isso, a unilateralidade da informação: só os poderosos falam através das entrevistas. Mas o que não se pode negar é que existe na entrevista a possibilidade de um diálogo democrático, do *plurólogo*.<sup>10</sup>

Para a autora, a entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para conseguir respostas pré-pautadas por um questionário. Todavia, Medina enfatiza que se, encarada como uma mera técnica, o ato de entrevistar “não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo.” Assim, a consciência profissional do jornalista está para a técnica da entrevista como a comunicação humana está para o diálogo. A entrevista, nas suas diferentes aplicações, engloba uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; e também pode servir para “a pluralização de vozes e à distribuição democrática de informação.”

Além disso, a entrevista pode ultrapassar os limites da torça de experiências. Para o filósofo Martin Buber, “o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios”<sup>11</sup>. Presumindo essa “interação” que surge na relação entrevistador e entrevistado pode-se dizer:

---

<sup>8</sup> MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995. p.49.

<sup>9</sup> MEDINA, Cremilda de Araújo. op. cit. p. 18.

<sup>10</sup> Idem. p. 18.

<sup>11</sup> BUBER apud MEDINA. Idem. p.8.



A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado, transforma-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencanada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. Isto, se a entrevista se aproximou do diálogo interativo.<sup>12</sup>

Do planejamento até a efetiva realização da matéria, a entrevista transpassa por diversos processos. Segundo Medina, a entrevista jornalística, do processo da definição de pauta até a sua realização, passa por quatro níveis. Como se fossem “quatro implicações de propósitos – explícitos ou implícitos – do comunicador verbal”:

Primeiro, pesa o grupo delimitado pelo estágio histórico de técnica comunicacional. Segundo, o nível de *interação social* almejado pelo entrevistador. Terceiro, suas possibilidades de *criação* e de ruptura com as rotinas empobrecedoras das empresas e instituições comunicacionais. Quarto, um propósito que ultrapassa os limites da técnica imediatista, ou seja, a tentativa de *desvendamento do real*, uma atitude de profunda especulação acerca da pauta.<sup>13</sup>

No livro *Entrevista – o diálogo possível*, Medina expõe alguns itens que, segundo ela, enriquecem o comportamento do entrevistador. São eles: a pré-pauta (idéia matriz); o preparo do entrevistador, isto é, seu repertório acumulado que remete à sua visão social, político e econômica, bem como sua sensibilidade e, finalmente, a personalidade do próprio entrevistador, que deve possuir uma “personalidade dialógica, dotada de agilidade e raciocínio rápido.”

Já em relação à interação entrevistador-entrevistado, a autora sugere três comportamentos a serem adotados: consciência de que a entrevista é uma situação psicossocial, de complexidade indiscutível; relevar a personalidade do entrevistado e saber como reagir a ele, uma vez que sua atitude pode ser “monolítica, autoritária, agressiva” e uma “dinâmica de bloqueio e desbloqueio”, que possibilita desencadear as idéias e estabelecer o diálogo. A fim de que essa relação seja estabelecida, alguns traços devem ser inerentes ao entrevistador competente: sensibilidade aguçada, toque criador para situações inusitadas e criatividade. Sobre essa interação, Medina explana:

---

<sup>12</sup> Idem. p. 6.

<sup>13</sup> Idem. p. 27.



Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. (...) Sua maior ou menor está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito e comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível.<sup>14</sup>

Assim, a entrevista, para ser um instrumento enriquecedor na matéria jornalística, deve ser encarada como uma situação inter-humana, na qual o diálogo se direciona para a figura do entrevistado. Dessa maneira, ocorrerá uma “liberação e desbloqueamento”, deixando a relação fluir e alcançando, posteriormente, a auto-elucidação.

### **Classificações da entrevista jornalística**

No que tange à classificação da entrevista em subgêneros, pode-se citar várias sistematizações. Nesse artigo nos concentramos nas classificações de três teóricos: Edgar Morin, Cremilda Medina e Nilson Lage.

No ensaio “A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão”, o pesquisador francês Edgar Morin classifica a entrevista em dois grandes grupos: entrevistas cujo objetivo é “espetacularizar” o ser humano e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo. A partir dessa primeira classificação, Morin enumera quatro tipos de subgêneros<sup>15</sup>: *entrevista-rito*, responsável pela validação de determinada cerimônia; *entrevista anedótica* cujo conteúdo “se situa no nível dos mexericos”; *entrevista-diálogo*, que corresponde a uma busca em comum, na qual entrevistador e entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma “verdade” que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema; *neoconfissões*, entrevista em que o “entrevistador se apaga diante do entrevistado”, tangendo a profundidade da psicologia social.

---

<sup>14</sup> Idem. p. 7.

<sup>15</sup> MORIN, Edgar. “A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão”. In: MOLES, Abraham A. et. alli. *Linguagem da Comunicação de Massa*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 128-129.



A partir das considerações de Edgar Morin, Cremilda Medina se utiliza da mesma classificação dos dois grandes grupos de entrevistas (espetacularização e compreensão). Entretanto, no âmbito dos subgêneros lança uma nova perspectiva.

Para Medina<sup>16</sup>, nos subgêneros da “espetacularização” são: *perfil do pitoresco*, que consiste numa caricatura do entrevistado; *perfil do inusitado*, na qual “procura-se extrair dela o que a caracterizaria, mesmo que à força, como excêntrica, exótica”; *perfil da condenação*, comum no setor policial do jornalismo que reduz o entrevistado no maniqueísmo entre bandido ou mocinho; e, por último, *perfil da ironia “intelectualizada”*, que “extrai da pessoa uma forma de condenação” por meio da contestação de suas idéias. Já nos subgêneros da “compreensão-aprofundamento” temos: *entrevista conceitual*, que busca bagagem informativa; *entrevista/enquete* cujo “tema é o fundamental da pauta e procura-se mais de uma fonte para depor em relação ao tema”; *entrevista investigativa*, “aquela que investiga onde a informação não está ao acesso do jornalista”; *confrontação-polemização*, que se configura em debate, mesa-redonda, simpósio, painel ou seminário sobre determinado tema polêmica; e, *perfil humanizado*, entrevista que “mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida”.

No livro *A reportagem: teoria, técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, Nilson Lage classifica a entrevista jornalística em relação aos objetivos e às circunstâncias de realização.

Segundo Lage<sup>17</sup>, do ponto de vista dos objetivos, a entrevista pode ser dividida em: *entrevista ritual*, na qual “está mais centrada na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer”; *entrevista temática*, que procura abordar um tema sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha “condições e autoridade para discorrer”; *entrevista testemunhal*, que compreende no relato do entrevistado sobre algo que ele assistiu ou participou; *em profundidade*, entrevista em que o objetivo se encontra “na figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói.”

Já sobre as circunstâncias de realização da entrevista, Lage classifica em: *entrevista ocasional*, aquele que não é combinado com o entrevistado previamente; *entrevista confronto*, na qual “o repórter assume o papel de inquisidor, despejando sobre

---

<sup>16</sup> MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995. p. 15-18.

<sup>17</sup> LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria, técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 2ª ed. São Paulo: Record, 2002. p. 74-77.



o entrevistado acusações e contra-argumentando”; *entrevista coletiva*, aquela em que o entrevistado é submetido a perguntas de vários repórteres de diferentes veículos; e, por último, *entrevista dialogal*, que configura “a entrevista por excelência” cujo resultado é o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.

### “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”

Para Clarice Lispector, os anos de 1968 e 1969 correspondem a uma fase de intensa atividade jornalística, com trabalhos na revista *Manchete* e no *Jornal do Brasil*. O fato da escritora retornar ao trabalho em jornais e revistas deve-se a fatores financeiros: após dezesseis anos fora do país, Lispector voltou ao Brasil divorciada do diplomata Maury Gurgel, e recorreu ao jornalismo para garantir a sua subsistência e de seus dois filhos, Pedro e Paulo. Sobre esse período, a biógrafa Nadia Gotlib afirma:

Aí está a Clarice Lispector de agora – final dos anos 60 – recolhendo as várias Clarice de todos os tempos e, em certos momentos, revendo-a. Ou melhor, relendo-a. O espaço jornalístico propicia-lhe essa revisão de si.<sup>18</sup>

Na revista *Manchete*, a escritora atua na seção “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”. Tal título surge em oposição a uma outra seção da revista chamada “Diálogos impossíveis”, que consistia numa conversa entre pessoas de profissões bem diferentes.

Na seção, Clarice entrevista pessoas de destaque no cenário brasileiro das mais distintas atividades: músicos, escritores, jornalistas, pintores, escultores, cantores, atores e atrizes, humoristas, arquitetos, paisagistas, políticos, médicos, matemáticos, jogadores de futebol, economistas e até mulheres de políticos e da alta sociedade.

Quando se dedicou à função de entrevistadora na *Manchete*, Clarice Lispector já era um nome relevante da literatura brasileira, autora de obras consagradas como *Perto do Coração Selvagem* (1943), *A maçã no escuro* (1961) e *A paixão segundo G.H.* (1964). Em consequência dessa situação de destaque nas letras nacionais, podemos inferir que o nome Clarice Lispector representava, na altura em que publica entrevistas em *Manchete*, 1968, uma *persona* literária. Assim, seu nome parece representar uma figura “autorizada” a romper com o formato padrão da entrevista. Desse modo,

---

<sup>18</sup> GOTLIB, Nádía. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995. p.377.



podemos supor que o leitor tenha uma predisposição favorável à fruição de uma forma não-convencional de realização do gênero. Essa “quebra” é admitida pela própria Lispector, como podemos verificar no início da entrevista com Nelson Rodrigues: “Avisei a Nelson Rodrigues que desejava uma entrevista diferente. É um homem tão cheio de facetas que lhe pedi apenas uma: a da verdade. Ele aceitou e cumpriu”. (LISPECTOR, 2007, p.28)

Muitos dos entrevistados presentes na coluna “Diálogos possíveis com Clarice Lispector” já eram amigos da escritora, ou, pelo menos conhecidos. Essa característica parece facilitar uma conduta dialógica nas entrevistas e também a liberdade para Clarice indagar questões intimistas (suas perguntas freqüentes eram: “qual é a coisa mais importante do mundo?”, “qual é a coisa mais importante para uma pessoa como indivíduo?”, “o que é o amor?”).

Em busca de um “autêntico” diálogo com o entrevistado, Lispector utiliza a “inversão” dos papéis convencionais da entrevista: para que o outro exponha seus pontos de vista sem receios, ela também, antes ou depois da resposta do entrevistado, lança sua opinião. Assim, a figura do entrevistador e a do entrevistado parecem se mesclar no decorrer da entrevista, como o caso da entrevista com Fernando Sabino:

- Como é que começa em você a criação, por uma palavra, uma idéia? É sempre deliberado o seu ato criador? Ou você de repente se vê escrevendo? Comigo é uma mistura. É claro que tenho o ato deliberador, mas precedido por uma coisa qualquer que não é de modo algum deliberada.<sup>19</sup>

Em resposta à jornalista Isa Cambará, da revista *Veja*, sobre o motivo de publicar *De corpo inteiro*, livro que reúne entrevistas da revista *Manchete*, Clarice Lispector revelou:

Eu me expus nessas entrevistas e consegui assim captar a confiança de meus entrevistados a ponto de ele próprios se exporem. As entrevistas são interessantes porque revelam o inesperado das personalidades entrevistadas. Há muita conversa e não as clássicas perguntas.

Na introdução às entrevistas, Lispector opta por uma apreciação pessoal, um breve perfil que enfoca características da fisionomia, estado mental ou profissionalismo do entrevistado:

---

<sup>19</sup> LISPECTOR, Clarice. *Clarice Lispector Entrevistas*. Claire Williams (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p.32.



Qual o traço marcante de Hélio? A tolerância, digamos, e um amor que ele distribui quase sem sentir, amor no sentido de amizade. Mas nem por isso ele é um “bonzinho”: pelo contrário, é firme como ele só, e capaz de entrar em violentas discussões e agregar-se ao que for importante. Com todo o seu temperamento, é no entanto capaz de julgar uma situação com grande isenção de espírito ou fazer uma crítica literária de uma agudez. Como poeta é ótimo também. E – felizmente – não se trata de uma pessoa perfeita. É mais uma pessoa se aperfeiçoando dia a dia.<sup>20</sup>

Outra questão relevante é a transgressão dos gêneros. No livro *A descoberta do mundo*, coletânea de crônicas de Clarice Lispector para o *Jornal do Brasil*, podemos identificar algumas crônicas que se originaram de entrevistas realizadas na revista *Manchete*. Um exemplo disso é a crônica “Xico Buark me visita”:

Estava em fase de procura e no dia anterior acabara um trabalho que era só de música, que exigia prazo. Mas para uma canção nova estava sempre disponível. A coisa mais importante para Chico é trabalho e amor, e, como indivíduo, quer exatamente ter a liberdade para trabalhar e amar. De brincadeira perguntei-lhe o que era amor. “Não sei definir”, disse-me, “e você?” “Nem eu”, respondi.<sup>21</sup>

Interessante ressaltar que na relação de Clarice Lispector com o gênero entrevista, certamente, a primeira alusão é a entrevista da escritora para Júlio Lerner no programa *Panorama da TV Cultura* em 1976. Nesse registro histórico, já que Clarice afirmava que não gostava de ser fotografada nem de dar entrevista temos, sobretudo, a imagem de uma mulher incógnita. Sente-se um clima de desconforto misturado a lapsos de descontração:

P – *A partir de que momento, de acordo com a escritora, o ser humano vai se transformando em triste e solitário?*

C. L. – Isso é segredo. (Pausa) Eu não vou responder. (Pausa novamente, e, de repente, continua.) A qualquer momento na vida, basta um choque um pouco inesperado. E isso acontece. Mas eu não sou solitário, não. Tenho muitos amigos. E só estou triste hoje, porque estou cansada. De modo geral, sou alegre.

(...)

P – *E você acredita que as pessoas olhem para você através do rótulo?*

C.L. – Às vezes só através desse rótulo. Tudo que eu digo, ou, é uma bobagem... Ou então é considerada como ou uma coisa linda, ou como

---

<sup>20</sup> LISPECTOR, Clarice. *Clarice Lispector Entrevistas*. Claire Williams (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p.54.

<sup>21</sup> LISPECTOR, Clarice *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.p.558.



uma coisa boba. Tudo na base de ser escritora. É por isso que eu não ligo muito pra essa coisa de ser escritora e dar entrevista e tudo. É porque eu não sou isso.<sup>22</sup>

Já em “Diálogos possíveis”, encontra-se uma Clarice doce, inquieta e assídua em realizar perguntas difíceis: “o que é o amor?”, “qual a coisa mais importante do mundo?”, “qual a coisa mais importante como indivíduo?” Para a biógrafa Nádía Gotlib, é no papel de entrevistadora que temos a Clarice por ela mesma:

Quem era essa Clarice - entrevistadora? Era a Clarice, simplesmente, sem convicção do papel essencialmente jornalístico, cuja objetividade e relativa imparcialidade era substituída pelo modo pessoal com que se comportava no diálogo com os seus entrevistados. Aliás, muitas das entrevistas eram feitas no seu apartamento, como as que fez com Chico Buarque, Tom Jobim e Bibi Ferreira.<sup>23</sup>

Por meio das considerações desse artigo, vislumbramos um campo rico para indagações a respeito das propriedades do gênero entrevista. Através das entrevistas de Clarice Lispector, percebe-se como esse gênero diferencia-se dos outros usos “consagrados” da entrevista jornalística, seja realizada em jornal diário ou em revista. Assim, podemos inferir que a especialidade da entrevista clariceana contribuiu para um jornalismo destoante das convenções das grandes redações.

## Referências bibliográficas

### I - Bibliografia da autora

LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

\_\_\_\_\_. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. *Clarice Lispector Entrevistas*. Claire Williams (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

### II – Bibliografia sobre a autora

GOTLIB, Nádía Battela. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

---

<sup>22</sup> GOTLIB, Nádía. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995. p.455,459.

<sup>23</sup> GOTLIB, Nádía. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995. p.369.



NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006.

### III – Bibliografia geral

BAHIA, Juarez. *Técnica de Jornal e Periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

BAHIA, Juarez. *Jornalismo, informação, comunicação*. São Paulo: Martins, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo – Redação, captação e edição no jornal diário*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria, técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 2ª ed. São Paulo: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. *Linguagem jornalística*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios, vol. 37).

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.

MORIN, Edgar. “A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão”. In: MOLES, Abraham A. et. alli. *Linguagem da Comunicação de Massa*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 115-135.

OYAMA, Thaís. *A arte de entrevistar bem*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. *Análise do Gênero Textual – Concepção Sócio-retórica*. Maceió: EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.